

PIBID: SUBPROJETO DE ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Brazilian's Scholarship Institutional Program of Teaching Initiation – Pibid: Arts Subproject from Federal University of Maranhão

Daniel Lemos Cerqueira

Resumo: Trata-se de um relato de experiência sobre a realização do Subprojeto de Artes do Pibid da Universidade Federal do Maranhão, sob a temática da Cultura Afro-brasileira, focando os anos de 2012 e 2013. O artigo é iniciado com um breve histórico sobre o ensino de Artes na Educação brasileira, evidenciando a superação do ensino polivalente e nos ideais da Arte-Educação que levaram ao panorama atual. Assim, as atividades desenvolvidas buscaram consolidar na escola espaços distintos para contemplar saberes específicos das linguagens de Música e Artes Visuais dentro da disciplina de Artes, colocando em prática as concepções pedagógicas da Arte-Educação brasileira e dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Conclusões apontam para o impacto favorável nas escolas parceiras e ao desmembramento do Subprojeto de Artes nos Subprojetos de Artes Visuais, Música e Teatro em 2014.

Palavras-chave: arte-educação, Pibid, música, artes visuais, cultura afro-brasileira.

Abstract: This is an experience report regarding the Arts Subproject from Federal University of Maranhão focusing in 2012 and 2013, linked to a Brazilian's education program called "Pibid". The subproject adopted Afro-Brazilian Culture as central thematic. The work starts with a brief historical approach about Arts teaching in Brazilian Education, focusing on the "Art Education" movement that led to the actual panorama. The Arts Subproject developed distinct teaching

methodologies for Music and Visual Arts in regular school's Arts discipline, standing up for pedagogical conceptions from Art Education movement and National Curriculum Parameters. Conclusions point for the favorable impact in peer schools and the dismemberment of Arts Subproject into Visual Arts, Music and Theatre Subprojects starting in 2014.

Keywords: art education, High School, music, visual arts, Afro-Brazilian culture.

Introdução

Desde a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, observa-se uma significativa mudança no ensino de Arte na Educação Básica. A partir de então, busca-se superar o ensino polivalente de Artes – método de aprendizagem instituído pela LDBEN n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, através do componente curricular denominado “Educação Artística” – que, após vinte e cinco anos de vigência, disseminou concepções negativas a respeito do que é Arte para a população. Segundo Barbosa (1989, p. 171), Educação Artística não era considerada uma disciplina, mas uma mera atividade não passível de reprovação, enfraquecendo sua importância perante as demais disciplinas da Educação Básica. O curso de Licenciatura em Educação Artística – voltado à formação de professores para essa atividade – era extremamente fraco, pois visava a preparar em dois anos um professor que ministrasse conteúdos de Música, Teatro, Artes Visuais, Dança, Desenho e Design Geométrico em todo o Ensino Fundamental e, em alguns casos, no Ensino Médio (BARBOSA, 1989, p. 171). Esse tempo não se mostra suficiente nem para formar um profissional capaz de dominar minimamente uma determinada linguagem artística – ainda mais considerando que a grande maioria dos cursos superiores da área de Artes exige conhecimentos prévios ao Ensino Superior, verificados através dos Testes de Habilidades Específicas. Como possível reflexo ainda observado atualmente, vemos um considerável desrespeito para com o modo como a sociedade brasileira trata o artista profissional. Perguntas comuns do cotidiano – tipo “Você é artista? Mas vive de quê?” – personificam a falta de conhecimento da população para com o trabalho dos profissionais das Artes.

Uma importante vitória veio com a instituição da obrigatoriedade do ensino artístico por meio da disciplina Artes. Porém, a legislação atual ainda é muito vaga, e não versa sobre quais linguagens artísticas devem ser contempladas, nem trata sobre em que ciclos e séries elas devem constar, ou mesmo que conteúdos devem ser abordados. Na prática, o que tem ocorrido é a continuação do ensino polivalente:

Mesmo que em alguns pontos o Ensino de Arte tenha avançado, ainda é muito forte a polivalência na Educação Básica, e, é possível afirmar, através de dados de pesquisa, que o Ensino de Arte, em sua nomenclatura na Lei de Diretrizes Nacional atual, avançou porque denomina conceitualmente como disciplina e não como atividade, entretanto a sua nomenclatura e concepção parece que não ultrapassou o espírito da Polivalência [...] em que o professor é levado a assumir o ensino das Artes Visuais, da Música, do Teatro e da Dança e num período de cinquenta minutos por semana, ou máximo duas aulas de cinquenta minutos e agora assumindo as quatro linguagens da arte, na escola. (NUNES, 2010, p. 3-4)

Cabe reforçar que os únicos interessados na extinção do perfil polivalente do ensino artístico são justamente os profissionais das áreas de Artes que, após a vitória com a obrigatoriedade do ensino de Artes, devem agora batalhar para requer condições adequadas de exercício de seu trabalho pedagógico. Dentre as mobilizações realizadas após a LDBEN n. 9.394/1996 para colocar fim à polivalência, destaca-se o desmembramento dos cursos de Educação Artística nas modalidades de Licenciatura em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro ou Artes Cênicas.

Essa tendência também é observada na Universidade Federal do Maranhão, com a criação das Licenciaturas em Teatro (Resolução Consun 74/2008), Música (Resolução Consun 93/2006) e Artes Visuais (Resolução Consun 125/2010). Como uma das últimas formas de aderir a essa nova realidade, torna-se necessário dividir do Departamento de Artes nos respectivos Departamentos de Teatro, Música e Artes Visuais, cujo processo aguarda apenas homologação no Conselho Universitário (Consun).

Diante dessa realidade, o governo federal tem investido na formação de professores para atuar no Ensino Básico. Dentre os projetos institucionais que contemplam a área de Artes, destacam-se os cursos de licenciatura a distância em Artes Visuais e Teatro, fruto do Programa Pró-Licenciatura da Universidade Aberta do Brasil (UAB), e o curso de Licenciatura em Música previsto para abertura através do Plano de Formação dos Professores da Educação Básica (Parfor). Em levantamento realizado nas prefeituras do Estado, houve cinquenta e um municípios interessados nessa formação (DEPARTAMENTO DE ARTES, 2012).

Somando-se a esses projetos de formação e desenvolvimento de metodologias didáticas para o ensino de Arte na Educação Básica, menciona-se o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Esse programa, adotado em nível nacional, baseia-se em um projeto institucional, ao qual estão vinculados os demais subprojetos.

Estes últimos, por sua vez, contemplam ações a serem realizadas no escopo de cada área do conhecimento. Nesse contexto, insere-se o Subprojeto de Artes, cuja fundação fora resultado de mobilização especialmente dos alunos do curso de Licenciatura em Educação Artística – em fase de extinção na UFMA desde 2010, quando foi criado o curso de Licenciatura em Artes Visuais.

1 O Subprojeto de Artes

O Subprojeto de Artes foi submetido, em 2009, à coordenação institucional do Pibid, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e vinculado aos cursos de Licenciatura em Educação Artística e Música da UFMA. Em 2010, o curso de Licenciatura em Artes Visuais também passou a fazer parte do Subprojeto. O coordenador de então, Prof. Dr. Juvino Alves (atualmente professor da Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB), lecionava no curso de Licenciatura em Música, fato que levou o Subprojeto de Artes – proposto inicialmente por alunos do curso de Educação Artística – à divisão dos vinte bolsistas e dois supervisores em números iguais para cada linguagem artística.

Assim, a temática central estabelecida para o Subprojeto de Artes foi a Cultura Afro-brasileira. A Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003 – que modificou o Art. 26º-A da Lei n. 9.394/1996 – instituiu a obrigatoriedade do conteúdo “História e Cultura Afro-brasileira” na Educação Básica a partir das áreas de “Educação Artística” (Artes, na verdade), “Literatura” e “História” brasileiras (BRASIL, 2003)¹. Frente a essa temática emergente, reitera-se o que dispõe o documento “Contribuições para a Implementação da Lei 10.639/2003”:

No Brasil, a história da população negra foi amplamente documentada por sua condição escrava. Mas do que isso, na literatura sobre escravidão predominou uma visão que insistiu em circunscrever o negro e a negra, primeiro, na esfera econômica como mercadorias e, posteriormente, na esfera da cultura como exóticos, e na esfera política como grupo destituído de capacidade organizativa e propositiva. [...] A Lei n. 10.639/2003 pode ser considerada um ponto de chegada de uma luta histórica da população negra para se ver retratada com o mesmo valor dos outros povos que para aqui vieram, e um ponto de partida para uma mudança social. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; UNESCO, 2008, p. 10)

¹ Cabe ressaltar que a redação desta foi alterada pela Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008, incluindo também a obrigatoriedade do conteúdo de História e Cultura Indígena.

Ao analisarmos o disposto no décimo livro dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural – percebemos que a temática proposta se enquadra perfeitamente nos preceitos desse documento de 1997:

Há muito se diz que o Brasil é um país rico em diversidade étnica e cultural, plural em sua identidade: é índio, afrodescendente, imigrante, é urbano, sertanejo, caçara, caipira... Contudo, ao longo de nossa história, têm existido preconceitos, relações de discriminação e exclusão social que impedem muitos brasileiros de ter uma vivência plena de sua cidadania. O documento de Pluralidade Cultural trata dessas questões, enfatizando as diversas heranças culturais que convivem na população brasileira, oferecendo informações que contribuam para a formação de novas mentalidades, voltadas para a superação de todas as formas de discriminação e exclusão. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997, p. 15)

Destaca-se a relevância da proposta desse Subprojeto, visando a abordar a cultura afro-brasileira como elemento fundamental para a formação da identidade cultural brasileira, por intermédio da Música e das Artes Visuais. Tais saberes ainda não são familiares para grande parte da sociedade, perpetuando o problema do “pré-conceito”, ou seja: o distanciamento em relação ao que não se conhece. Ainda, ressalta-se a contribuição da Arte como meio de abordar uma temática tão essencial para a educação brasileira, permitindo apresentar elementos da cultura afro-brasileira, promover discussões sobre a conscientização racial e – particularmente para a área de Artes – romper com a concepção de que o ensino de Arte se restringe a “mera atividade recreativa” (WERLE, 2010, p. 47).

A temática da Cultura Afro-brasileira foi um guia para a elaboração de metodologias específicas do ensino de Artes Visuais ou de Música, contemplando elementos característicos da identidade Afro-brasileira em cada linguagem artística. Nas Artes Visuais, sinais da cultura afro-brasileira se mostram presentes em cores e formas de vestimentas, objetos artesanais e quadros; na Música, aparecem em padrões rítmicos, melódicos e na instrumentação utilizada – com ênfase nos instrumentos de percussão.

A escolha dessa temática também se mostrou adequada em termos pedagógicos. Considerando que cada linguagem artística requer conhecimentos e habilidades específicas, não seria possível adotar, nesse contexto, uma temática que envolvesse elementos particulares da produção artística, havendo o risco de incorrer no problema histórico do ensino polivalente da Educação Artística – uma missão a ser abraçada,

justamente por ser este um dos motivos da extensa luta dos arte-educadores por melhores condições pedagógicas e profissionais.

1.1 Ideais de Arte-Educação

Antes de iniciarmos o relato das atividades desenvolvidas pelo Subprojeto de Artes, é imprescindível delinear alguns princípios que norteiam a prática pedagógica dos arte-educadores, pois é necessário manter as importantes conquistas conseguidas desde o final da década de 1980. Tais princípios, quando observados, criam condições favoráveis para que o trabalho do arte-educador seja devidamente respeitado no ambiente escolar. Assim, os futuros professores de Arte têm a missão de construir seu espaço frente ao projeto pedagógico da escola, evidenciando a importância da Arte no currículo e a consolidação de um espaço digno de exercício profissional frente aos colegas. Além disso, é necessário derrubar diversos dos preconceitos disseminados na sociedade, provenientes da experiência do ensino polivalente. A seguir, enumeramos esses princípios:

- **Arte é uma disciplina.** Na LDB n. 5.692/1971, Educação Artística era interpretada como atividade não passível de reprovação, fato que diminuía a importância dada à área tanto pelos alunos quanto pelo currículo e pela administração escolar. Isso afeta diretamente a possibilidade de realizar um trabalho mais sério, sendo uma questão que o atual ensino de Arte precisa superar.
- **Arte é trabalho.** A cultura do *laissez-faire* – “qualquer um faz qualquer coisa” – é uma das grandes heranças da polivalência a serem superadas pelo ensino de Arte. Geralmente, o público não imagina que exposições artísticas e apresentações musicais são momentos pontuais de um trabalho que exigiu meses de preparação. A participação dos alunos nesse tipo de atividade traz uma importante vivência para que eles compreendam – e respeitem – o trabalho do artista.
- **Arte é autonomia.** Um grande problema no ensino de Artes é quando a escola cria o hábito de usufruir dos trabalhos artísticos apenas para fins de entretenimento ou promoções festivas, diminuindo o real valor simbólico e potencialidade das Artes. O entretenimento é somente um dos inúmeros afetos que uma experiência artística legítima pode oferecer ao público, sendo importante destacar que a produção artística veiculada pelas mídias empresariais já contempla satisfatoriamente esse tipo de caráter. Assim, sugere-se que o arte-educador concilie seu trabalho pedagógico com o calendário de datas comemorativas para se apresentar, pois esse é um momento de mostrar o trabalho para a comunidade escolar. No entanto, é importante cuidar para que sua metodologia didática não se torne “refém” dessa exigência.

Por último, reitera-se o importante papel da Arte em prover experiências de diferentes culturas e momentos históricos, relacionando a obra de arte com seus criadores, suas técnicas, sua identidade, seu contexto e ideais da época. Aqui, torna-se evidente o conceito de Diversidade Cultural, amplamente defendido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997) e pela Unesco, na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. [...] Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. (UNESCO, 2002, p. 3)

Diante dos princípios descritos, apresentaremos relatos de ações realizadas pelo Subprojeto de Artes ao longo de seus cinco anos de atividade, focando nos anos de 2012 e 2013.

1.2 Métodos de Ensino

Inicialmente, é importante informar que a coordenação do Subprojeto de Artes foi assumida em janeiro de 2013 pelo autor deste trabalho, motivo pelo qual o relato se constrói a partir desse ano. Dentre as ações realizadas na coordenação, reitera-se o desenvolvimento da página virtual do Subprojeto de Artes, disponível em <http://musica.ufma.br/pibidartes>. Nesse espaço, foram disponibilizados planos de aula, atas de reuniões, relatórios, fotos e vídeos de atividades realizadas, com o intuito de oferecer fácil acesso a possíveis interessados.

Devido à natureza de cada linguagem artística do Subprojeto de Artes, foi necessário elaborar planejamentos metodológicos distintos para cada um dos dois grupos de dez bolsistas – um desafio, pois era como coordenar dois subprojetos diferentes. Iniciaremos em seguida a descrição das atividades desenvolvidas pelos bolsistas de Artes Visuais.

1.2.1 Artes Visuais

A metodologia didática aplicada pelos bolsistas de Artes Visuais se baseou em três métodos. Em 2012 e 2013, as atividades foram desenvolvidas no Colégio Universitário (Colun/UFMA), em turmas do Ensino Médio, no período vespertino, contendo de 25 a 35 alunos com faixa etária entre 15 e 19 anos. A infraestrutura da escola era excelente, havendo uma sala específica para a disciplina de Artes. O Colun possuía cinco professores formados em Artes, sendo o supervisor desse subprojeto o Prof. Me. Jorge Milton Ewerton Santos, da área de Teatro, que acompanhou com excelência a didática dos bolsistas e a organização das aulas perante o calendário da escola.

O primeiro método baseou-se na ministração de aulas quinzenais de 50 minutos, ao longo de um semestre. Os dez bolsistas se dividiam em duplas, onde cada dupla ministrava a aula para uma das cinco turmas da série (1º ou 2º ano do Ensino Médio). O plano de cada aula era desenvolvido em reuniões pedagógicas quinzenais, revezadas com as semanas de aula. O conteúdo contemplou, nas primeiras aulas, história da Cultura Afro-brasileira, com contextualização sobre o continente africano, sua diversidade cultural e riquezas econômicas – desmitificando para os alunos o conceito usual de que a África é um continente pobre e de tribos canibais, conforme relato de uma bolsista (SANTOS, 2013, p. 9). Nas aulas seguintes, o conteúdo abordou a apresentação de parâmetros básicos da linguagem visual através de obras características da arte africana. Os recursos utilizados foram lousa, pincel, retroprojetor e computador portátil, sendo a projeção digital fundamental para mostrar as obras de arte às turmas. Abaixo, temos um momento de ministração das aulas por duas bolsistas (FIG. 1):



FIGURA 1 – Aulas de Artes Visuais ministradas quinzenalmente.

Um aspecto importante a ser observado sobre a recepção da temática afro-brasileira diz respeito à religiosidade. Os alunos da escola apresentaram certa resistência quando questões estéticas de Artes Visuais eram abordadas em associação a costumes e manifestações típicas das religiões de origem africana. Cury (2004, p. 184) reforça o problema do ensino religioso na Educação Básica brasileira:

O ensino religioso é problemático, visto que envolve o necessário distanciamento do Estado laico ante o particularismo próprio dos credos religiosos. Cada vez que este problema compareceu à cena dos projetos educacionais, sempre veio carregado de uma discussão intensa em torno de sua presença e factibilidade em um país laico e multicultural.

Já é de conhecimento geral que a cultura afro-brasileira está intimamente ligada a manifestações de caráter religioso como, por exemplo, o Candomblé, a Festa do Divino ou o Tambor de Crioula, sendo a religiosidade um assunto que sempre aparecerá. Entretanto, os bolsistas observaram que alunos cristãos tendem a receber esse conteúdo com maior resistência, devido à visão pejorativa disseminada historicamente sobre manifestações religiosas que utilizam terreiros de macumba para seus rituais. Uma sugestão para a apresentação desse conteúdo é focar os aspectos humanísticos que toda religião possui, para assim cultivar ideias em comum, que suscitem o respeito à diversidade religiosa.

O segundo método – comum entre os subprojetos do Pibid em diversas áreas do conhecimento – foi a realização de um “minicinema”: mostra de filmes para complementar as temáticas das aulas. Nas reuniões de planejamento pedagógico, os bolsistas escolhiam momentos para inserir vídeos para que os alunos da escola assistissem. Após a exibição, havia sessões de debate sobre o tema abordado no vídeo. Contudo, o curto tempo de 50 minutos da disciplina se apresentou como um fator de limitação. Os bolsistas até tentaram exibir os vídeos em momento extraclasses (fora das aulas), porém, a frequência dos alunos foi muito baixa – sendo esta a principal razão pela qual poucas atividades de Artes Visuais foram desenvolvidas fora do horário das aulas. Os recursos necessários foram retroprojetor, computador portátil e caixa de som. Os temas de alguns dos vídeos apresentados para os alunos foram *Filme Besouro*, *Um olhar sobre o Mestre Didi*, *Tarsila do Amaral*, *Cândido Portinari*, *Pablo Picasso*, *O estilo afro no cotidiano*, *A influência da cultura africana no Brasil*, *Produção de máscaras e Fotografia da arte afro-brasileira*.

O terceiro método foi baseado na realização de oficinas artísticas, utilizando o horário das aulas finais do semestre – sendo, portanto, limitadas aos alunos que já haviam participado das aulas expositivas. Cada oficina levou no máximo três aulas

para ser realizada, e nem todas foram ministradas para todas as turmas, pois cada dupla de bolsistas optava por um ou dois tipos de oficinas. As especialidades das oficinas foram:

- Elaboração de máscaras;
- Estêncil sobre tecido;
- Fotografia digital;
- Técnica de fotografia *pinhole*.

O objetivo central das oficinas foi oferecer aos alunos da escola um contato mais próximo com a prática da linguagem visual, bem como exibir o material produzido em área comum do Colun no horário de intervalo entre aulas, dando maior visibilidade à mostra. Continuando com a temática do subprojeto, o material produzido nas oficinas deveria, necessariamente, se relacionar com a estética afro-brasileira estudada nas aulas expositivas anteriores.

É importante ressaltar que a realização dessas oficinas necessitava de muitos materiais específicos, como tesouras, estiletos, colas de isopor, papel-cartão, papel-toalha, lápis coloridos, borrachas, cartolinas de diversas cores, fitas durex, fita gomada, pincéis, tintas de tecido, camisetas e pacotes de balão, entre outros. No caso do Pibid, havia orçamento disponível para adquirir material de consumo, permitindo a realização da atividade. Além disso, o Colun já dispunha de alguns materiais, solicitados previamente por seus professores de Artes. Agora, no caso de uma escola pública regular, é pouco provável que o material possa ser adquirido com brevidade por meio de licitação.

Apresentam-se ilustrações da mostra realizada na escola no dia 1º de fevereiro de 2012:

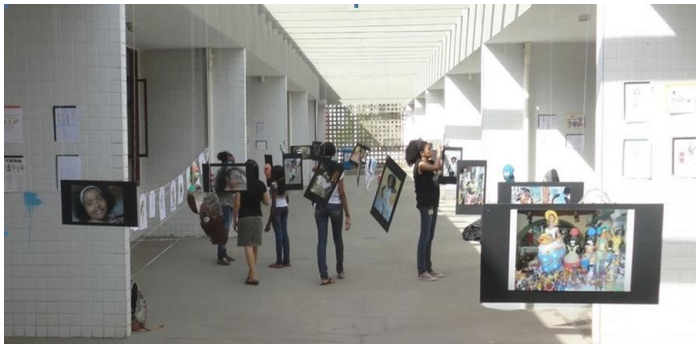


FIGURA 2 – Exposição de desenhos, fotografias e máscaras na Mostra de Artes Visuais do Colun.

Na exposição de desenhos, fotografias e máscaras (FIG. 2), a dificuldade foi encontrar local adequado para afixar o material, que deveria ser claro e favorável ao trânsito de pessoas. Esta foi uma dificuldade recorrente para os bolsistas de Artes Visuais durante o Subprojeto, pois nenhuma das escolas parceiras possuía local adequado para esse fim.



FIGURA 3 – Desfile com vestuários característicos da estética afro-brasileira.

Em outro ambiente da escola, os bolsistas colocaram uma caixa de som e um tapete, simulando uma passarela onde alunas da escola desfilaram ao som de músicas e vestimentas características da estética afro-brasileira (FIG. 3). Ao longo do desfile, um bolsista explicava ao microfone os elementos visuais que marcavam as vestimentas. Destaca-se a motivação das modelos e do público presente, sendo este um momento de integração na escola.

Com relação à preparação para a exposição, destaca-se a atuação dos bolsistas em todo o planejamento, atuando tanto na divulgação – fixação de cartazes, distribuição de folhêres e mensagens em redes sociais – quanto na realização do evento, organizando os espaços utilizados, transportando o material e guardando-o após o encerramento. Foi reforçado que esse tipo de atividade confere boa experiência em organização de eventos, sendo mais um possível ramo de atuação laboral após a conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

1.2.2 Música

Em 2012 e 2013, as atividades do subgrupo de Música foram desenvolvidas no Liceu Maranhense, uma das mais antigas e tradicionais escolas de Educação Básica do Estado, fundada em 1838. Foram contempladas turmas do 1º e do 3º ano do Ensino Médio,

no turno matutino, contendo entre trinta e quarenta alunos com faixa etária entre 15 e 19 anos. A escola possuía uma sala específica para o ensino de Artes, porém não estava em condições de uso. Era necessário procurar por uma sala livre a cada aula, pois a organização de horários da escola não permitia o estabelecimento de uma sala fixa. O supervisor do Liceu foi o Prof. Esp. José Garcia de Azevedo Júnior, da área de Artes Visuais, tendo acompanhado com distinção o planejamento das aulas, adequação ao cronograma e execução das atividades propostas.

A metodologia adotada pelos dez bolsistas de Música contemplou três métodos distintos. O primeiro consistiu em ministrar aulas semanais com 45 minutos de duração por uma dupla de bolsistas para cada turma, durante o semestre. O planejamento das aulas foi elaborado pelos bolsistas através de mensagens eletrônicas, ao invés de reuniões presenciais. Eles também assumiam funções específicas: uns desenvolviam os textos das aulas, outros pesquisavam gravações em áudio e audiovisual e outros faziam apresentações no programa Power-Point. Os conteúdos possuíam uma aula inicial, que tratava do Pibid e abordava a cultura afro-brasileira em aspectos gerais. A partir da segunda aula, era abordada a História da Música, a partir de um gênero musical característico da estética afro-brasileira por aula, como o Maxixe, Lundu, Modinha, Choro, Samba, Frevo, Maracatu, Carimbó, Tambor de Crioula e Bumba-meu-Boi, entre outros. Os bolsistas abordavam o contexto histórico desses gêneros, apresentavam obras características para apreciação e tratavam sobre os instrumentos musicais, oferecendo noções de Organologia. Alguns levavam seus próprios instrumentos para a sala, ilustrando melodias e ritmos nas aulas. Como recursos, eram utilizados lousa, pincel, retroprojetor, computador portátil, caixa de som e instrumentos musicais. No final do semestre, o Prof. Garcia solicitava que os bolsistas criassem questões de prova a serem aplicadas pelo professor, com base no conteúdo ministrado, fazendo com que os bolsistas participassem do processo de avaliação. Segue ilustração de um momento das aulas expositivas no Liceu Maranhense (FIG. 4):



FIGURA 4 – Aulas expositivas no Liceu Maranhense ministradas pelos bolsistas de Música.

Uma proposta feita em 2013 foi inserir a Música de Concerto como conteúdo em uma das aulas. Foi sugerido que os bolsistas utilizassem repertório com influência da estética Afro-brasileira, como, por exemplo, as *Suites para piano*, de Lorenzo Fernandez (1897-1948), *Dansa negra*, de Fructuoso Viana (1896-1976), *Maracatu do Chico Rei*, de Francisco Mignone (1897-1986), *Dansa negra*, *Dansa de negros* e *Suite Vila Rica*, de Camargo Guarnieri (1907-1993), e as canções de Villa-Lobos (1887-1959). Em termos culturais, evidencia-se o diálogo entre África e Europa para constituição da identidade brasileira. As teorias sociais da atualidade² – que condenam o *darwinismo social* e veem a cultura europeia como um meio de dominação – não podem se aplicar às práticas artísticas, pois, além de ser fundamental reconhecer a importância de cada manifestação de nossa cultura – conforme o ideal da Diversidade Cultural (UNESCO, 2002) – há o risco de que a “parte europeia” de nossa identidade se perca. Assim, os bolsistas trataram sobre aspectos rítmicos, melódicos e timbrísticos dessas obras que fazem referência à estética afro-brasileira, desconstruindo a ideia de que elas são de origem europeia. Todavia, os bolsistas afirmaram seu desconforto ao tratar sobre o tema, pois ele aparecia de forma um pouco “brusca” no percurso do planejamento das aulas ao longo do semestre.

O segundo método desenvolvido pelos bolsistas de Música foi realizar uma apresentação musical ao final do semestre, durante o intervalo de aulas, aberto a toda a comunidade escolar. O repertório escolhido se relacionava à estética afro-brasileira, como *Lua nova* (Chiquinha Gonzaga), *Vou vivendo* (Pixinguinha), *Este rio é a minha rua* (Paulo André Barata) e *Boi do Maranhão* (Coxinho), entre outras obras. Os ensaios eram realizados nas salas do curso de Música e contavam como carga horária do Subprojeto. A apresentação era aberta com um breve comentário sobre o Subprojeto de Artes, e não consistia em um recital didático, buscando oferecer maior naturalidade ao evento. Os bolsistas sugeriram chamar alguns alunos para participar da apresentação, porém a experiência não chegou a ser realizada. Uma dificuldade encontrada em relação aos recursos – não apenas nesta etapa, mas durante toda a condução do Subprojeto – foi a impossibilidade de adquirir instrumentos musicais e equipamentos de áudio, pois os recursos disponibilizados para o Pibid não permitiam a compra de material permanente. Como a escola não possuía instrumentos musicais e a movimentação de equipamentos da UFMA é complicada (mas possível), os bolsistas acabaram levando seus próprios bens para a realização das atividades, com exceção de microfones e caixas de som. É provável que, em escolas públicas de menor renda, essa atividade não seja exequível.

Segue uma ilustração de apresentação realizada no Liceu Maranhense em dezembro de 2011:

2 O comentário de Viero (2005, p. 51) esboça esta essa ideologia: “Outras culturas são subjugadas pela cultura ocidental europeia no contexto sócio-histórico de relações de domínio, de sistemas colonialistas e imperialistas.”



FIGURA 5 – Apresentação musical de encerramento do semestre no Liceu Maranhense.

O terceiro método adotado pelo subgrupo de Música consistiu na realização de oficinas aos sábados pela manhã, portanto, em horário extraclasse. As oficinas, abertas a toda a comunidade escolar, eram as seguintes:

- Canto Coral;
- Violão em Grupo;
- Construção de Instrumentos com Materiais Alternativos.

Apesar de serem desenvolvidas em momento extraclasse, a frequência nas oficinas foi interessante, provavelmente porque os alunos do Liceu se mostraram bastante motivados com as aulas de Música. Vale destacar que os recursos necessários à execução dessas oficinas variam consideravelmente. Na oficina de Canto Coral, os dois bolsistas ministrantes não necessitaram de nenhum recurso, podendo realizar o trabalho por audição (“de ouvido”). Na oficina de Violão em Grupo, o bolsista responsável solicitou que os participantes levassem seu instrumento, enquanto na oficina de Construção de Instrumentos Alternativos, os quatro bolsistas ministrantes levaram o material, composto por garrafas pet, copos de iogurte, palitos de picolé, fitas durex, tesouras e estiletes, entre outros. A seguir, apresentam-se imagens das oficinas de Canto coral (FIG. 6) e Construção de instrumentos alternativos (FIG. 7), ambas realizadas em 2012:



FIGURA 6 – Momento registrado da oficina de Canto Coral.



FIGURA 7 – Momento registrado da oficina de Construção de Instrumentos Alternativos.

2 Perspectivas Futuras

A experiência do Subprojeto de Artes da UFMA procurou demonstrar que o ensino artístico, quando exercido em condições favoráveis, pode contribuir substancialmente para a formação humanística da sociedade. A possibilidade de abarcar a cultura afro-brasileira – temática que traz consigo uma história de marginalização, mas que é, na verdade, um dos pilares da identidade brasileira – demonstra que a Arte é uma poderosa ferramenta de instrução, permitindo ainda dialogar com História,

Antropologia, Sociologia, Filosofia e Teologia.

Cabe reforçar a característica ímpar da produção artística, permitindo a todos imergir em práticas culturais de diversos povos e épocas, aproximando o indivíduo de realidades a que jamais teria acesso no cotidiano. Estudar, então, deixa de ser apenas olhar para o objeto de estudo, mas fazer parte dele e vivenciá-lo, tornando-se uma experiência intelectual profunda e concreta.

Para os bolsistas, destaca-se o fato de que os cursos de Licenciatura nas áreas das Artes oferecem um leque profissional muito variado. Logo, restringir as atividades somente ao que é aplicável no contexto da Educação Básica pode, além de ser frustrante, dificultar a inserção no mundo do trabalho para os futuros professores de Artes. Justifica-se, assim, a adoção de metodologias diversificadas, envolvendo tanto a ministração de aulas quanto a realização de oficinas, exposições artísticas e apresentações musicais. Formam-se, então, licenciados capazes de atuar tanto na Educação Básica quanto em projetos culturais e sociais, organização e planejamento de eventos, pesquisa em acervos especializados e prática artística. Espero, assim, ter contribuído de alguma forma para oferecer uma formação mais ampla aos bolsistas, procurando superar as mesmas preocupações que compartilho com Del Ben (2003, p. 31-32):

O desafio que se nos impõe parece ser o de, a partir dos elementos identificados, construir uma concepção ampliada de formação inicial de professores de música, uma concepção que ultrapasse espaços fechados e predefinidos de atuação e amplie as possibilidades de percurso a serem trilhadas pelos futuros professores. Isso implica na necessidade de flexibilizarmos os percursos de formação dos professores de música, relacionando-os aos múltiplos espaços de atuação profissional, e de superarmos a concepção de formação como processo caracterizado como trajetória única.

Como ação institucional para o presente Subprojeto, destaca-se o desmembramento do Subprojeto de Artes nos Subprojetos de Artes Visuais, Música e Teatro – ação concluída em fevereiro de 2014 – reforçando a superação do perfil polivalente do ensino artístico e consolidando o desejo dos arte-educadores explicitado na LDBEN n. 9.394/1996 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ainda, amplia-se a quantidade de escolas beneficiadas por um ensino de Arte à luz dos ideais da arte-educação, capaz de oferecer contato com experiências artísticas legítimas.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: realidade e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989.

BRASIL. **Lei n. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPED, n. 27. p. 183-213, set-dez/2004.

DEL BEN, Luciana Marta. Múltiplos espaços, multidimensionalidade, conjunto de saberes: idéias para pensarmos a formação de professores de música. **Revista da Abem**, Porto Alegre, Abem, v. 8, p. 29-32, mar-2003.

DEPARTAMENTO DE ARTES. **Projeto pedagógico de primeira licenciatura em música – Parfor**. São Luís: UFMA, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; UNESCO. **Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 set. 2015.

NUNES, Ana Luiza Ruschel. O ensino de arte na educação básica. In: XVII CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DOS ARTE-EDUCADORES DO BRASIL (CONFAEB), 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ceart/Udesc, 2010. p. 1-16.

SANTOS, Anacleto Cordeiro dos. **Relatório Pibid Arte 2012**. São Luís, 2012. Disponível em: <<http://musica.ufma.br/pibidartes>>. Acesso em: 10 set. 2015.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, vol. 10: Pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. Paris: Unesco, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org>>. Acesso em: 10 set. 2015.

VIERO, Glória Josefina. **Inculturação da fé no contexto do feminismo**. 205 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

WERLE, Kelly. **A música no estágio supervisionado da pedagogia:** uma pesquisa com estagiárias da UFSM. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

AUTOR

Daniel Lemos é pianista e professor de Música, tendo iniciado suas atividades artísticas em 1994. Desde 2009 é professor efetivo da Universidade Federal do Maranhão, dedicando-se à pesquisa principalmente na área de Pedagogia do Piano e ao estabelecimento da formação musical em nível superior neste Estado. Atualmente, cursa o Doutorado em Práticas Interpretativas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
E-mail: dal_lemos@yahoo.com.br